

## POESIA E ANTIPOESIA: CRISE E EXPANSÃO

Alex Hamburger

Este texto tem por propósito introduzir e demonstrar os mecanismos que ensejaram o advento da *antipoesia* ao longo das minhas pesquisas e atividades na área, por entender que a sua pertinência pode se constituir num conjunto interessante de ferramentas para o enfrentamento dos desafios sensoriais do nosso tempo e permitir que surjam possibilidades expressivas mais complexas e renovadoras.

Devo antes de tudo reconhecer que por trás do debate que pretendo levantar, encontra-se a oposição básica que estrutura a literatura francesa, e talvez a literatura moderna ocidental em geral - desde a revolução encarnada por Rimbaud. Nesse ponto, irei valer-me da terminologia usada pelo escritor e crítico francês Jean Paulhan em seu ensaio “Les fleurs de Tarbes” (As flores de Tarbes), de 1941, onde ele estabelece uma interessante oposição entre escritores que denomina de “terroristas” e “retóricos”, e que pode perfeitamente se tornar um ponto de partida para a presente tese. Os primeiros (“terroristas”) contestam qualquer forma de linguagem convencional e até mesmo literária como falsa, não autêntica, que demanda invenção contínua e renovação. O que conta efetivamente para eles são as ideias a serem expressas, ideias que **só podem ser traídas pelas palavras literárias** que se usa para expressá-las. Contudo, uma vez que não há palavras que escapem ao uso literário os “terroristas” têm assim apenas a escolha entre duas formas de usar a linguagem: ou um uso negativo, ou seja, a tentativa de rejeitar todas as regras e usos conhecidos, ou um uso “supernegativo”, que é o do silêncio – e, de fato, a escrita de vanguarda francesa foi assombrada desde Rimbaud pelo mito do silêncio como **expressão pura**. Ser um escritor de vanguarda na França significa, até hoje – citando uma passagem de recente estudo do ensaísta Laurent Nunes, de 2006 – “ser **contra** a escrita é considerar a **recusa** das palavras a mais sublime, senão a única forma possível de escrita” (grifos meus). O grupo dos “retóricos” geralmente concorda com as críticas dos “terroristas”, mas observa que mesmo o silêncio **deve ser proferido** para se tornar significativo: as palavras e os signos são inevitáveis e, portanto, o que



artigos | articles | artículos | artículos | papers

escritores e leitores precisam é fazer um uso consciente, não ingênuo da literatura: um uso da linguagem que aceite sua **artificialidade essencial** e que tente transformar essa artificialidade em uma vantagem, pelo menos em um desafio!

Tendo em mente que qualquer hipótese no campo da invenção poética é inócua quando não é acompanhada por uma práxis, procurarei em seguida apresentar-lhes três exemplos determinantes de *antipoesia*, que decididamente confrontam os cânones e ideais normativos em literatura.

\*\*\*

A primeira “ocorrência” tem o título de “Má Poesia”, e possui uma característica pretensiosamente literária, e que por si só justifica a guinada a um inconformismo quase suicida dessa postulação, apesar dela me encantar por ter me feito atinar uma resposta de natureza antípoda, sempre necessária para reoxigenarmos as práticas poéticas cristalizadas.

“Má Poesia” é um título irônico, caracterizado por recursos “não artísticos e grandiloquentes” (talento, destreza, mestria etc.), de conteúdo fantasmático e provocador. Em seu desprezo por uma representação precisa, e em sua rejeição às atitudes convencionais em literatura, a “Má” Poesia é ao mesmo tempo bem humorada e comovente, e muitas vezes pode ser escandalosa em seu desprezo pelos padrões hegemônicos e de “bom gosto”. Em parte, este é um dos aspectos mais arrebatadores da “má poesia” – isto é, que as ideias de bom e mau gosto são flexíveis, e que a flexibilidade e a subjetividade nesses termos podem às vezes até se tornar excessivas.

### Setor de informações

Está definitivamente provado que é impossível utilizar-se da prosa da mesma forma que um automóvel de ferro-velho pretender um dia ser útil a um pirata do capitalismo deslavado, chegar diante de todos e afirmar que tudo não passa de um versograma, citação ou jogo de palavras, na busca vã do sotaque correto ou das perífrases que avultam em edições vespertinas, subjacentes ao novo jornalismo e seus conjuntos vazios de reformas ortodoxas. Ou então, a determinação e a vontade de cada um, cabendo-lhe escolher meios médios que tanto podem ser uma mensagem advinda dos

“Correios & Telégrafos”, ou o ruído ótimo, sob medida, provocado por um vendedor convincente de bronzinas da “Enviro Mental S.A.”

É isso aí! É isso aí o que tenho propagado aos quatro ventos: Eureka! Heavy-vil-metal, aparelhagem de ouvido, júbilo de negros e brancos, filhos de contracepção inesperada, berilo de rara dureza, índio goiano no espaço via Reuters Agency, com fecho de ouro y matas em ecktachrome.

\*\*\*

*A SEGUNDA CATEGORIA DE ANTIPOESIA, tem como “peça de resistência” uma por mim bastante cultivada derrisão, muito ausente nos círculos poéticos por infligir enorme temor ao primar por uma auto ironia e busca por uma **destruição remodeladora**:*

### HEMATOPOIESE

O verbo grego **poein** significa *criar, produzir, fazer*, e primitivamente tanto se aplicava à criação intelectual como ao trabalho artesanal. **Poiesis** expressa a ação de criar, produzir, fazer; e **poietes**, o agente da ação, ou seja, o autor, criador.

**Há porém** uma derivação um tanto indireta, e muito pouco percebida, que é a *hematopoiесе* (do gr. **haíma, atos**: sangue + **poiesis**, como visto, ação de criar, produzir; junção que quer dizer formação do sangue, e é termo bem antigo no vocabulário médico greco-latino.

**Riolan o empregou ainda em 1650 na seguinte passagem:** “o fígado é a principal víscera onde o sangue é formado, vindo a seguir o baço”. Pensava-se, então, que o fígado e o baço eram os principais órgãos hematopoiéticos. A descoberta da função hematopoiética da medula óssea foi feita independentemente por Giulio Bizzozero, na Itália, e Ernst Neumann, na Alemanha. Ambos publicaram suas descobertas em 1868.

**Hematopoiese, portanto,** é o processo de produção, multiplicação e especialização das células do sangue na medula óssea.

Inicia-se com a célula de sangue mais básica, a célula-tronco ou “células pluripotentes hematopoiéticas estaminais”. Os produtos finais deste processo são células maduras brancas do sangue (que fornecemos aos nossos corpos com proteção contra infecções, glóbulos vermelhos maduros (que transportam oxigênio para as células e tecidos do nosso corpo) e plaquetas (que ajudam a controlar a hemorragia após lesões). O tecido conjuntivo hemocitopoético, ou tecido reticular, é produtor das duas linhagens de glóbulos: leucócitos e hemácias. Esse tecido aparece no baço, no timo e nos nódulos linfáticos, recebendo o nome de tecido linfoide. No interior da medula óssea vermelha, esse tecido é chamado mielóide, ocupando os espaços entre lâminas ósseas que formam o osso esponjoso e assim por diante...

Podemos considerar alguns possíveis precursores desse modelo os livros “Sangue de um poeta”, de Jean Cocteau, “Vasos comunicantes”, de Andre Bréton; “Há uma gota de sangue em cada poema”, de Mário de Andrade; “O olho pineal”, de Georges Bataille, e as performances do grupo “Acionismo Vienense”.

\*\*\*

*E como corolário desse postulado, temos um terceiro contexto, que chamei de “Concepto Incerto”, nome apropriado do título de um livro do poeta E. M. de Melo & Castro, de 1967, um dos homenageados dessa jornada, e a quem também dedico a próxima vertente:*

No meu livro, ou “antilivro”, intitulado “Doctypes”, 2015, o “texto” é uma transcrição em linguagem HTML de um dia do meu diário eletrônico na rede social Facebook. Na verdade, trata-se de uma espécie de *poésie de mots inconnus* (poesia de palavras desconhecidas), como na definição de Iliazd para a sua ‘*tipoesia*’, ou descontextualizadas, como eu propugno para a minha *antipoesia*:

```

DOCTYPE html> <html lang = "pt" id = "facebook" class = "no_js">
<head> <meta charset = "utf-8" /> <script> function envFlush(a){function
b(c)
{for(var d in a)c[d] = a[d];}if(window.requireLazy)
{window.requireLazy(['Env'], b);}else{window.Env = window.Env||
{};b(window.Env);}envFlush({"ajaxpipe_token":
"AXitupUQoPV1E8cW", "lhsh": "iAQHI67Wc", "khsh": "0`sj`e`rm`s-
0fdu^gshdoer-
0gc^eurf-3gc^eurf;1;enbtldou;fduDmdldourCxO`ld-
2YLMluuqSdptdru;qsnunuxqd;rdoe-0unjdojnx"});</script> <script>
CavalryLogger= false;</script> <noscript> <meta http-equiv = "refresh"
content = "0; URL =/?_fb_noscript = 1" /> </noscript> <meta name =
"referrer" content = "origin-when-crossorigin" id = "meta_referrer" /> <link
type = "text/css" rel = "stylesheet"href = "https://fbstatic
a.akamaihd.net/rsrc.php/v2/y3/r/pl2GMydZVKb.css"
data-bootloader-hash = "7bx0r" data-permanent = "1" crossorigin =
"anonymous"/> <link type = "text/css" rel = "stylesheet" href = "https:
//fbstatic-a.akamaihd.net/rsrc.php/v2/yR/r/jLB0MFP_Wur.css" data-
bootloader-hash = "PhTkB" data-permanent="1" crossorigin =
"anonymous" /> <link type = "text/css" rel = "stylesheet" href ="https:
//fbstatic-a.akamaihd.net/rsrc.php/v2/y4/r/Z5Gf8nhbOnE.css" data-
bootloader-hash = "54ets" data-permanent = "1" crossorigin =
"anonymous" />
<link type = "text/css" rel = "stylesheet" href = "https://fbstatic-
a.akamaihd.net/
rsrc.php/v2/ys/r/NhRNu5Ult8E.css" data-bootloader-hash = "018ey"
data-permanent="1" crossorigin = "anonymous" /> <link type = "text/css"
rel = "stylesheet" href ="https://fbstatic
a.akamaihd.net/rsrc.php/v2/yB/r/aHTGMgWOs_W.css" data-
bootloader-hash = "PIDp5" crossorigin = "anonymous" /> <script src =
"https://
fbstatic-a.akamaihd.net/rsrc.php/v2/y_/r/p2NSdaHFr8V.js" data-
bootloader-hash ="ru1Fo" crossorigin = "anonymous"> </script> <script>
(require("ServerJSDefine")).handleDefines([[{"CSSLoaderConfig", [],
{"timeout": 5000, "loadEventSupported":true}, 619]]);new
(require("ServerJS"))().handle({"require": [{"Bootloader",
"loadEarlyResources", [], [{"TcQfo": {"type": "js", "src": "https://fbstatic-
a.akamaihd.net/rsrc.php/v2/yw/r/vqh12s6MK60m.js", "crossOrigin": 1},
"pGqeT": {"type": "js", "src": "https://fbstatic-
a.akamaihd.net/rsrc.php/v2/yf/r/vgn6tOdtWwxP.js",
"crossOrigin": 1}, "sV7Kt": {"type": "js", "src": "https://fbstatic-
a.akamaihd.net/rsrc.php/v2/y8/r/v3kJ4N6rpFKH.js", "crossOrigin": 1},
"g6UAY": {"type": "js", "src": "https://fbstatic-
a.akamaihd.net/rsrc.php/v2/yI/r/vslhGHPLX03i.js", "crossOrigin": 1},
"6c6AD": {"type": "js", "src": "https:
Vfbstatica.akamaihd.net/rsrc.php/v2/yh/r/v
ebcASOKIgfH.js", "crossOrigin": 1}, "dW2Am": {"type": "js", "src":
"https://fbstatic-a.akamaihd.net/rsrc.php/v2/y2/vr/voqrN3jgXTrD.js",
"crossOrigin": 1}}]]]);</script><title id = "pageTitle"> Facebook</title>

```

```
<meta property = "al: android: app_name" content = "Facebook" />
<meta property = "al: android: package" content = "com.facebook.katana"
/> <meta property = "al: android: url" content = "fb: //feed/"
```

A escrita que acabamos de ver, aponta no sentido de explorarmos este terreno por meio de estratégias como a apropriação e o reuso de símbolos gráficos e signos de diferentes gêneros por meio de um dinâmico sistema de mapeamento dos procedimentos históricos experimentais onde os signos são organizados *conceitualmente* ao invés de gramatical e sintaticamente, revelando novos mecanismos de manifestação e uma prática com ênfase nos componentes constitutivos da invenção, surpresa e afrontamento às normas poéticas estabelecidas. A liberdade com a qual se mesclam todos os tipos de recursos nestas três versões de *antipoesia*, como o kitsch e o tradicional, o factual e o ficcional, fantasias pessoais excêntricas, a derrisão e o rigor irônico, a postulação decepcionante, imagens clássicas e populares, contrastes e confrontos, implica numa liberdade extraordinária de fazer e ser!

Espero que a reunião de elementos ora apresentados permita, como nas palavras do filósofo Sarat Maharaj, “nos envolver com coisas, eventos, espasmos, distúrbios **que não parecem poesia** e não contam como poesia, mas que são de alguma forma elétricos, nós de energia, transmissores e condutores de um novo pensamento e de uma nova subjetividade e ação, que as obras poéticas tradicionais não são capazes mais de articular.”